

NARRATIVAS HISTÓRICAS NOS LIVROS ESCOLARES: a perspectiva dos alunos

Yi-Mei Hsiao

Instituto de Educação
Universidade de Londres

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de um estudo de pequena escala realizado em escolas secundárias em Taiwan. O estudo assenta na utilização de um questionário de resposta aberta e em entrevistas. Explora a atitude de confiança de 94 alunos de Taiwan (13-15 anos de idade) perante as narrativas históricas apresentadas em manuais e investiga, em particular, as ideias dos alunos face a diferentes relatos da guerra entre a China e o Japão (1937) apresentados por manuais de História da China, de Taiwan e de Singapura. Os resultados mostram que a maioria dos alunos que constituem a amostra têm uma ideia de autoridade acerca dos manuais. Além disso, quanto às suas ideias acerca da existência de diferentes relatos, as justificações dadas incluem: estilos de escrita, conhecimento inadequado e perspectiva do autor. Os resultados sugerem ainda que os critérios para as decisões dos alunos quanto a fiabilidade das narrativas são sobretudo de senso comum, raramente mencionando a evidência que as suporta. Finalmente o artigo apresenta algumas conclusões relevantes e propõe implicações práticas para o ensino de História, nomeadamente sobre a compreensão do papel dos manuais, a apresentação de diferentes narrativas e a promoção do uso de evidência histórica.

Palavras-chave: Educação histórica; Ensino de História; manuais; narrativas históricas.

Abstract

This paper reports the findings of a small-scale study held in a junior high school in Taiwan. The study is based on an open-ended questionnaire and an interview. It explores 94 Taiwanese students' (13 to 15 year-old) confidence in historical accounts presented in textbooks, and investigates students' ideas when facing different accounts of the war between China and Japan (1937) in Chinese, Taiwanese, and Singaporean history textbooks. The results show that most of the students in the sample have an authoritative view of textbooks. Moreover, regarding the students' ideas of different accounts, the students' explanations include: writing styles, inadequate knowledge, and author perspective. The results also suggest that criteria for the students' decisions for a more reliable account are mainly everyday ideas and the students rarely mention evidence. This paper concludes by suggesting some practical implications in history teaching such as: understanding the role of textbooks, presenting different accounts, and promoting the use of evidence.

Keywords: History education; history teaching; textbooks; historical accounts.

Introdução

Ao longo das últimas décadas tem havido um debate considerável e fortes mudanças no que diz respeito aos paradigmas orientadores no ensino da disciplina de História (Bransford, Brown & Cocking, 1999). O aspecto essencial deste paradigma é a atenção especial dada à compreensão por parte dos alunos da disciplina de História em si e dos processos de construção das narrativas históricas. Os investigadores estão agora conscientes que os estudantes têm ideias implícitas sobre a natureza da História e de que é crucial entender estas concepções. Também há uma grande consenso sobre o facto de que os alunos deverão ser familiarizados com estes conceitos importantes de segunda ordem, de modo a estabelecer as bases para a compreensão da história.

Têm surgido na literatura vários artigos sobre concepções de segunda ordem em História, mas recentemente há um aumento na investigação relacionada com narrativas históricas. Em particular, destaca-se a investigação no âmbito do projecto CHATA (Lee, 1997, 1998 a, b; Lee, Dickinson & Ashby, 1998; Lee & Ashby, 2000) com enfoque nas ideias dos alunos sobre relatos históricos, sugerindo um modelo de progressão conceptual dos alunos sobre esta questão. Apesar do aumento da investigação neste assunto particular, não se tem dado muita atenção aos conceitos tácitos dos alunos sobre relatos históricos nos manuais (cf. Seixas, 1993; Mckeown & Beck, 1994; Wineburg, 1994; Chapman, 2001; Liu & Lin, 2002).

Os livros escolares não são o único meio usado nas aulas de História mas têm, naturalmente, um papel central, e o efeito desta versão “oficial” da História na visão dos alunos não pode nem deve ser negligenciado. Em alguns países, tal como Taiwan, até muito recentemente era apenas utilizado um manual de História aprovado pelo governo. Apesar de os professores poderem usar outro tipo de material nas aulas, o governo regula a publicação dos livros escolares e o seu conteúdo tem, em geral, de ser *memorizado* mais do que *compreendido* pelos alunos. Nestas circunstâncias, é interessante explorar a visão dos alunos sobre as narrativas históricas nos manuais de História. Este conhecimento é fundamental se desejamos, como professores de História, desenvolver nos alunos a compreensão histórica e o espírito crítico e científico. Além disto, poderemos argumentar que o principal benefício deste conhecimento será uma utilização mais eficaz dos livros nas salas de aulas.

Assim enquadrado, o presente artigo apresenta e discute os resultados de um estudo em pequena escala que pretende examinar as concepções sobre narrativas históricas nos manuais, de alunos com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos em liceus de Taiwan. Adicionalmente, o artigo procura analisar as reacções dos alunos quando confrontados com narrativas distintas do mesmo evento, apresentadas em livros de outros países. Três aspectos distintos são analisados:

1. A confiança demonstrada pelos alunos nos relatos apresentados nos seus manuais.
2. As reacções dos alunos quando confrontados com versões distintas do mesmo evento.

3. A capacidade dos alunos de avaliar a credibilidade de uma determinada versão e os critérios utilizados nessa escolha.

Metodologia

Estrutura do estudo

O estudo foi dividido em duas fases:

1. Numa primeira fase foi utilizado um questionário no sentido de obter algumas ideias gerais dos alunos sobre as narrativas históricas propostas nos manuais.
2. Em seguida, de acordo com as respostas obtidas na primeira fase, foi realizada uma pequena entrevista com alunos seleccionados de modo a aprofundar alguns aspectos.

Este processo permite, por um lado, reduzir eventuais inexactidões na análise das respostas e, por outro lado, obter uma amostra mais alargada do que seria possível apenas com a entrevista.

Os dados foram obtidos numa escola secundária de uma área predominantemente de classe média, nos subúrbios de Taipé. A dimensão da população escolar, o número de alunos em cada turma e a sua qualidade média são semelhantes aos das outras áreas de Taipé. Apesar dos dados terem sido recolhidos apenas numa escola e não poderem ser facilmente generalizáveis, parece aceitável supor que os resultados proporcionam uma base interessante para estudos subsequentes.

Foi seleccionada uma turma por cada ano lectivo, sendo que um total de 94 alunos participaram no trabalho escrito: 33 alunos de 13 anos, 33 alunos de 14 anos e 29 alunos de 15 anos. As respostas ao questionário escrito foram examinadas para detecção de padrões de ideias. Alguns alunos que produziram ideias particularmente claras ou criativas, ou que aparentaram representar um determinado conjunto de ideias, foram seleccionados para uma entrevista.

Devido a restrições de tempo, foram apenas seleccionados 3 alunos de cada idade para a entrevista. No sentido de assegurar um equilíbrio, foram seleccionados 5 alunos do sexo masculino e 4 do sexo feminino.

Procedimentos

A tarefa escrita foi dividida em duas partes.

Parte I

A primeira parte da tarefa procura explorar as ideias dos alunos relacionadas com as

narrativas históricas existentes nos manuais. Não há referências a fontes nesta parte do trabalho, porque se pretende que o foco seja nas ideias dos alunos sobre estes relatos e não num evento em particular.

Parte II

A segunda parte do estudo questiona os alunos sobre relatos relativos ao mesmo acontecimento histórico, retirados de livros de países diferentes. Tendo em consideração um uso semelhante dos manuais, foi decidido o uso de textos retirados de livros de Singapura, Taiwan e da R. P. China. O objectivo seria encontrar um evento com descrições não diametralmente opostas e com diferenças mínimas nos factos expostos. Isto foi feito de modo a reduzir as possibilidades dos alunos considerarem que uma das descrições não corresponde simplesmente à verdade. O procedimento de seleccionar um exemplo não foi simples porque, em cada livro escolar, a mesma matéria é apresentada de maneira diferente e com relevância diferente. No sentido de evitar este problema, foi seleccionado o evento relativo ao início da guerra entre a China e o Japão em 1937. Os textos foram copiados directamente dos livros e não adaptados a uma apresentação semelhante, pois foi considerado preferível apresentar o texto tal como proposto nos livros. Não foi considerado, neste ponto, que os alunos pudessem ser eventualmente influenciados pelo tamanho ou detalhe dos textos. Para evitar qualquer tipo de preconceito que os alunos pudessem ter, a origem dos textos não foi mencionada. O texto do livro chinês é mais extenso e detalhado, enquanto o texto do livro de Singapura vem ilustrado com uma imagem.

Os alunos do 9º ano (15 anos de idade) estavam familiarizados com o texto do livro de Taiwan, pois este está incluído no livro que presentemente estão a utilizar e esta matéria já tinha sido objecto de estudo na aula. Isto foi feito de forma intencional de modo a analisar até que ponto a familiaridade com o texto poderia influenciar a perspectiva dos alunos sobre as narrativas.

Um teste preliminar foi efectuado dois dias antes da tarefa escrita. Três alunos de 13 anos de idade foram escolhidos arbitrariamente para este teste. Em seguida, decidiu-se corrigir algumas questões por razões de clareza, e alterar ligeiramente a ordem dos procedimentos. Na primeira parte da tarefa escrita foi dada a cada aluno uma folha de papel em branco. Foi-lhes pedido para responder apenas a uma questão: “Tem confiança nos relatos históricos apresentados nos manuais de História? Justifique”.

Em seguida, na segunda parte, a cada aluno foram entregues duas folhas de respostas e os três textos de referência. Foi-lhes pedido que lessem os três textos e que respondessem às quatro questões em 40 minutos. A ordem dos procedimentos é crítica: as duas partes desta tarefa devem ser realizadas separadamente. Caso contrário, seria expectável que os alunos respondessem à primeira parte de acordo com as referências propostas.

Foi estruturada uma entrevista depois de serem lidas as respostas à tarefa escrita. Foi decidido que a origem dos textos seria mencionada no início da entrevista, no sentido de compreender até que ponto esta informação influenciaria as reacções dos alunos. Algumas das questões seriam semelhantes às da tarefa escrita. Dois dias mais tarde, foram conduzidas as entrevistas individualmente com os nove alunos. Cada entrevista durou aproximadamente

20 a 30 minutos e foi gravada para posterior transcrição.

Análise de dados

Os dados foram interpretados de acordo com um processo de codificação indutiva. Foi decidido codificar as respostas da entrevista na base individual de cada questão, no sentido de obter uma sistematização das ideias dos alunos relativas a cada questão. Em cada um dos casos, as respostas foram sumariadas e categorizadas usando um agrupamento indutivo (ver a secção seguinte). As categorias foram então reexaminadas para garantir que cada resposta estaria devidamente considerada. Algumas das categorias foram combinadas devido a possuírem características semelhantes. Quando razoável, uma resposta foi categorizada em mais do que um grupo. Assim, o número total de respostas nas diferentes categorias poderá ser superior ao número total de alunos participantes.

Inevitavelmente, algumas considerações metodológicas deverão ser consideradas. Por exemplo, a codificação e classificação para a análise quantitativa poderá ser considerada problemática por ser, por natureza, interpretativa. Outra das questões está relacionada com a selecção não aleatória dos alunos para a entrevista. Correndo o risco de introduzir algum tipo de tendência, escolheram-se os alunos mais representativos ou centrais a todas as categorias detectadas.

Resultados

Perspectiva dos estudantes sobre as narrativas nos livros escolares

Na primeira parte, os alunos são questionados sobre a sua confiança nos relatos históricos apresentados nos manuais. As respostas foram agrupadas em seis categorias de acordo com a atitude dos alunos em relação a estes relatos:

- A. Aceita como verdadeiros, porque os relatos nos livros devem ser verdade.
- B. Aceita como verdadeiros, porque há descrições coincidentes provenientes de outras fontes.
- C. Aceita como verdadeiros, porque imagens suportam os relatos.
- D. Céptico, por falta de provas concretas.
- E. Céptico, porque os relatos pessoais são mais credíveis.
- F. Céptico, porque os relatos são selectivos.
- G. Não responde.

Tabela 1 - Número de respostas em cada categoria, agrupadas por ano lectivo. (Poderá haver respostas pertencentes a mais do que uma categoria)

Resposta/ Categoria	7º Ano	8º Ano	9º Ano	Total
A	15	14	9	38
B	8	6	4	18
C	1	4	6	11
<i>Confia (total)</i>	24	24	19	67
D	1	1	3	5
E	2	1	3	6
F	3	5	11	19
<i>Céptico (total)</i>	6	7	17	30
G (não responde)	5	5	1	11
Total	35	36	37	108

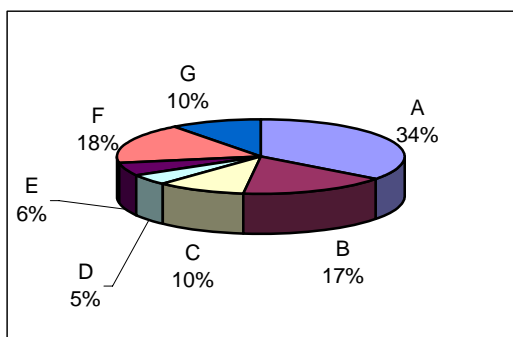


Figura 1 - Distribuição das respostas (N=108)

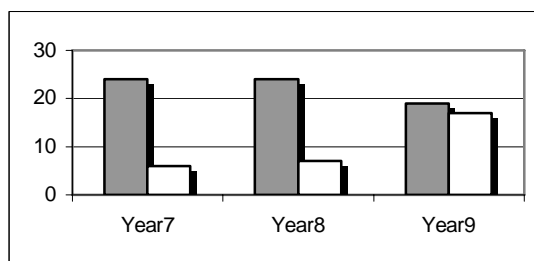


Figura 2 - Atitude perante os relatos (Cinzeno – Confia; Branco – Céptico (N =97, excluindo ‘não responde’))

A maior parte dos alunos confia nas narrativas históricas nos livros e poucos as questionam. No entanto, a maior parte dos alunos hesita quando questionados se realmente têm confiança nos relatos. Alguns afirmam que nunca teriam pensado neste assunto e que a ideia de desafiar a autoridade (na forma de um livro escolar) provoca algum desconforto. Alguns alunos afirmam que se sentiriam traídos se as narrativas históricas não correspondessem à verdade dos factos. Um aluno afirmou: “*Os relatos nos livros de texto devem ser verdadeiros porque o nosso governo deve ensinar os factos verdadeiros. Se os relatos não são verdadeiros, porque os deveremos memorizar e ser examinados?*”

Naturalmente os estudantes mais velhos têm uma tendência maior em se mostrarem cépticos. Alguns destes estudantes reconhecem que os relatos nos livros de texto são selectivos e interpretativos. No entanto, estes estudantes procuram explicar as razões deste facto. Isto poderá significar que, apesar de o sistema em Taiwan ser potencialmente limitador do espírito crítico, alguns dos alunos conseguem desenvolver um tipo de

pensamento histórico e compreender alguns aspectos fundamentais da História como disciplina.

Justificações sobre disparidades nos relatos

A terceira questão da entrevista está relacionada com a atitude dos alunos perante disparidades nos relatos de livros em países diferentes. Não é surpreendente que alguns alunos vêem este facto como normal, facilmente explicável por questões de orgulho nacional ou orientação do autor. No entanto, alguns alunos afirmam-se perturbados por este facto. Estes alunos têm uma visão da História como uma mera sequência de factos imutáveis, onde relatos diferentes representariam factos diferentes. Esta situação torna-se desconfortável porque os alunos desejam conhecer os factos “reais”. Várias explicações foram avançadas no sentido de explicar as diferenças nos relatos. Estas razões poderão ser agrupadas em quatro categorias:

- A. Perspectiva do autor e forma de seleccionar informação.
- B. Informação inadequada ou incompleta, incluindo diferentes formas de acesso aos dados e quantidade de informação disponível.
- C. Estilo do autor, incluindo diferentes modos de transmitir a informação.
- D. Não encontra explicação.

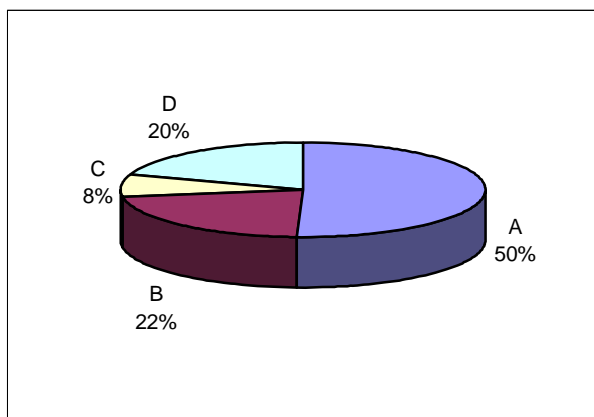


Figura 3 - Formas de explicar as disparidades nos relatos (N=91)

Grupo	7º ano	8º Ano	9º Ano	Total
A	12	16	18	46
B	6	10	4	20
C	4	2	1	7
D	10	4	4	18
Total	32	32	27	91

Tabela 2 - Distribuição etária (N=91)

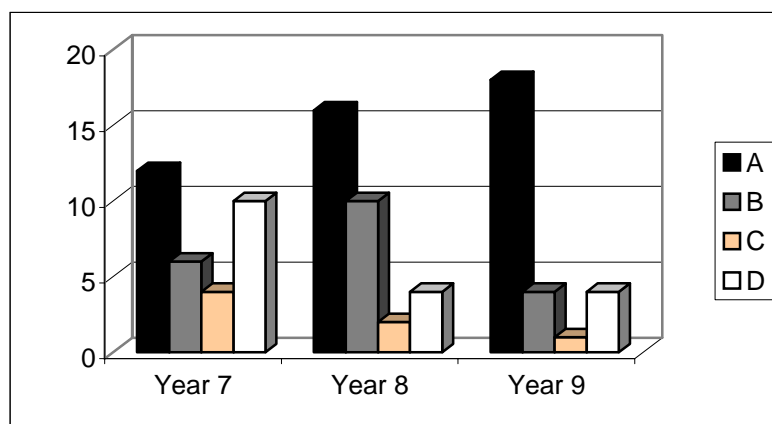


Figura 4 - Distribuição das respostas
(Número de alunos): N (7º Ano) =32, N (8º Ano) =32, N (9º Ano) =27

Estes resultados sugerem que a maior parte dos alunos possui um conhecimento rudimentar sobre os processos por detrás dos relatos históricos, apesar de não compreenderem na sua totalidade a natureza dos mesmos.

Além de darem diferentes explicações, tornam-se aparentes dois tipos de atitude. Por um lado, alguns estudantes entendem esta situação como absolutamente normal e de algum modo relacionada com a própria natureza humana. Eles crêem que as pessoas e os estados vêem os acontecimentos de uma determinada posição e defendem os seus pontos de vista. Por outro lado, alguns outros alunos sentem-se desconfortáveis e mesmo irritados, pensando que esta situação deverá ser corrigida. Eles vêem a História apenas como uma narração de factos sequenciais e um facto poderá apenas ter um de dois valores lógicos: verdadeiro ou falso. Se há relatos diferentes, haverá alguns factos falsos e isto deverá ser corrigido.

Escolha de um relato

A maior parte dos alunos (80%) consegue optar entre os três relatos. Os critérios para decidir qual dos relatos é mais credível podem ser agrupados em quatro categorias, além de uma outra categoria onde se incluem os alunos que decidem não optar por um dos relatos:

- A. Especificidade (os relatos oferecem informação mais clara e detalhada)
- B. Rigor (o relato é mais cuidadoso)
- C. Familiaridade (o relato é conhecido do aluno)
- D. Provas (provas concretas são apresentadas com o relato)
- E. Sem decisão.

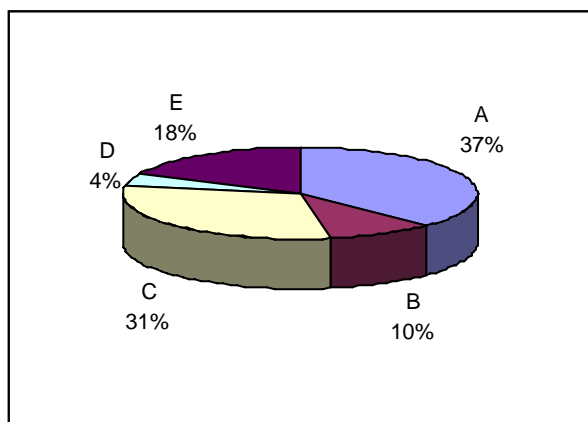


Figura 5 - Distribuição das respostas (N=72, excluindo os alunos que não optaram por um dos relatos)

Categoria	7ºAno	8ºAno	9ºAno	Total
A	4	16	7	27
B	3	1	3	7
C	8	7	7	22
D	0	0	3	3
E	8	2	3	13
Total	23	26	23	72

Tabela 3 - Distribuição das respostas de acordo com a categoria e o ano lectivo. (N =72, excluindo os alunos que não optaram por um dos relatos)

A tabela seguinte apresenta as escolhas dos alunos no que diz respeito a cada uma dos relatos. Alguns dos alunos optaram por dois relatos. Assim, os totais poderão variar em relação à tabela anterior.

Tabela 4 - Opção dos alunos (N =72, excluindo os alunos que não optaram por um dos relatos)

	7º Ano	8º Ano	9º Ano	Total
A1 (Singapura)	6	3	4	13
A2 (China)	9	15	7	31
A3 (Taiwan)	8	8	12	28
Total	23	26	23	72

Conclusão

O aspecto mais importante a considerar na educação histórica está relacionado com o nosso papel como professores de História. Antes de qualquer análise ou conclusão devemos compreender a base conceptual da nossa tarefa: o que tentamos alcançar? A consciência dos nossos objectivos e a percepção do que queremos atingir deverá ser sempre central na nossa missão como professores de História. Os novos paradigmas no ensino propõem que é fundamental compreendermos a visão do aluno sobre o processo de construção da História. Os resultados deste estudo fornecem alguma informação importante e válida sobre a perspectiva dos alunos de Taiwan em relação à disciplina de História e, em particular, em

relação aos manuais. Neste contexto, os resultados apontam para as seguintes conclusões:

- A maioria dos alunos vê os livros como uma forma de autoridade.
- Os alunos raramente mencionam o uso de indícios ou de testemunhos na avaliação de relatos históricos.
- Os alunos possuem, no mínimo, algum conhecimento básico sobre o processo de produção histórica.

Os resultados fornecem ainda algumas pistas sobre a forma como poderemos melhorar a visão dos alunos sobre a disciplina de História. Estas serão as implicações mais importantes em termos práticos:

- ***Entender o papel dos manuais na sala de aula.*** Os livros são uma ferramenta importante nas salas de aula e, tal como qualquer ferramenta, deverão ser usados de forma eficaz. Em primeiro lugar, deveremos estar conscientes de que a visão dos alunos é afectada pelo uso dos livros. Por outro lado, os professores não se deverão sentir impotentes perante o uso destes mesmos livros, procurando transmitir a ideia aos alunos de que a História não é uma mera sequência de factos a serem aprendidos e memorizados, mas sim uma reconstrução narrativa e interpretativa de acontecimentos históricos, de acordo com determinados valores e princípios. Actualmente, é utilizado um único manual no ensino de História nos primeiros anos do ensino secundário em Taiwan e a maior parte dos professores utilizam-no como único material de estudo nas aulas. Claramente, como mostram os resultados, os alunos têm ideias implícitas sobre a natureza dos relatos nos manuais e a maior parte tem uma visão de autoridade desses livros. Como será então possível mudar os preconceitos dos alunos relativamente aos livros de estudo, e aumentar o seu espírito crítico e discernimento sobre a disciplina de História? Se os alunos aceitarem os relatos de forma acrítica, esta poderá ser um grande obstáculo ao ensino da disciplina, e o papel do professor torna-se quase insignificante. Se os alunos aceitarem passivamente os relatos oferecidos pelos livros como uma verdade imutável, eles não poderão compreender a História como uma disciplina científica e não desenvolverão pensamento histórico.
- ***Apresentar diferentes versões.*** Os resultados mostram que os alunos vêem como natural a existência de relatos diferentes, relativos ao mesmo evento. No entanto, alguns alunos não conseguem esconder o seu desconforto perante esta situação. Por outro lado, será que somos capazes de garantir que os alunos desenvolverão o seu espírito crítico se apresentarmos diferentes versões do mesmo evento? A resposta poderá ser negativa porque há o perigo de, perante diferentes visões da História, os alunos se sentirem desprotegidos. É admissível que os alunos não têm capacidade para julgar a credibilidade de determinado relato histórico, e poderão pensar que é inútil tentar aprender História porque esta seria demasiado subjectiva e influenciada pelos pontos de

vista dos historiadores, conduzindo eventualmente a uma visão niilista do processo histórico. Por isso é perigoso fornecer versões diferentes de acontecimentos históricos sem a devida contextualização, não explicando como estes relatos são formados nem a sua natureza. Os alunos poderão ser levados a pensar que apenas uma das versões estará correcta e as outras erradas. Ou, pelo contrário, concluir que todo o conhecimento é relativo e que as narrativas históricas são apenas meras opiniões dos historiadores sobre os acontecimentos históricos. Alguns alunos poderão argumentar que o facto de um determinado relato ser familiar aumenta a sua credibilidade. O professor deverá, naturalmente, fazer ver que este tipo de conclusão é, apesar de não totalmente incorrecta, de natureza falaciosa. Com o aparecimento da Internet e de grandes quantidades de informação é cada vez mais difícil distinguir entre informação adequada e ruído de fundo, fazendo com que os alunos facilmente caiam na tentação de aceitar os princípios de um relativismo cultural e científico absoluto. O professor deverá evitar este tipo de atitude e explicar de uma maneira simples e clara que, em vez de contar o número de vezes que ouvimos um determinado relato, devemos analisar a origem da informação, a credibilidade das fontes e, mais importante, avaliar se o relato é sustentado por indícios ou testemunhos credíveis.

- *Promover o uso de **Evidência**.* Alguns alunos põem em causa as narrativas históricas porque os autores das mesmas não foram testemunhas dos acontecimentos. Esta atitude pode ser mudada pelo reconhecimento de que as pessoas no passado poderão ter-nos legado alguma informação sob a forma de documentos, vestígios arqueológicos, roupas, etc. Devemos referir que o processo de produção da história é científico e passa pela reconstrução do passado através do uso de evidência, mesmo sem relatos testemunhais. Devemos fazer ver aos estudantes que apenas podemos compreender parcialmente o passado; muitos dos documentos são tendenciosos ou fantasistas; que algumas explicações são apenas teorias; e que muitos eventos históricos são simplesmente impossíveis de conhecer. Devemos indicar claramente que nunca poderemos compreender os eventos em toda a sua complexidade e totalidade, as suas causas e consequências. Sobretudo, devemos alimentar o espírito crítico e científico dos alunos evitando, ao mesmo tempo, que caiam na tentação do relativismo e negação da objectividade. Isso poderá aumentar o seu interesse pela disciplina de História.

Claramente, não é uma tarefa fácil contribuir para o desenvolvimento de ideias mais poderosas no sentido de compreender o processo da produção das narrativas históricas. No entanto, isto será essencial no sentido de fazer compreender que a História é muito mais do que uma sequência mais ou menos aleatória de eventos para serem memorizados.

Referências

- BRANSFORD, J. D., BROWN, A. L. & COCKING, R. R. (eds) (1999) *How People Learn: Brain, Mind, Experience and School*. Washington D.C.: National Academy Press.
- CHAPMAN, A. (2001) *Accounting for Interpretations/Interpreting Accounts*. London: Institute of Education, unpublished EdD Institution Focused Study.
- LIU, C. C. & LIN, T. S. (2002) *Children's Ideas about Historical Narrative: Understanding Historical Accounts*. Taiwan: Soochow University, unpublished initial report.
- MCKEOWN, M.G and BECK, I. L. (1994) Making Sense of Accounts of History: Why Young Students Don't and How They Might. In LEINHARDT, G., BECK, I. L. & STANTON, C. (eds) *Teaching and Learning in History*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- SEIXAS, P. (1993) Popular Film and Young People's Understanding of the History of Native-White Relations. In *The History Teacher*, 26, Nº 3, p.351-370.
- WINEBURG, S. (1994) The Cognitive Representation of Historical Texts. In LEINHARDT, G. BECK, I. L. & STANTON, C. (eds) *Teaching and Learning History*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- LEE, P. J. (1997) None of Us Was There: Children's Ideas about Why Historical Accounts Differ. In S. AHONEN et al.(eds) *Historiedidaktik, Norden 6, Nordisk Konferens om Historiedidaktik*, Tampere 1996, Copenhagen: Danmarks Laererhøjskole, p. 23-58.
- LEE, P. J. (1998) Children's Ideas About the Nature and Status of Historical Accounts, in CHAN, Y. & CHOU, L (eds.) *Proceeding of the International Conference on Methodologies: Historical Consciousness and History-Textbook Research*. Hsin Chu, Taiwan: Institute of History, National Tsing Hua University.
- LEE, P. J. (1998) History in an Information Culture. *International Journal of Historical Learning, Teaching and Research*, Vol.1, No.2.
- LEE, P. J. & ASHBY, R. (2000) Progression in Historical Understanding among Students Ages 7-14. In STEARNS, P. N., SEIXAS, P. & WINEBURG S. (eds) *Knowing, Teaching, and Learning History*. New York: New York University Press, p.199-222.
- LEE, P. J., DICKINSON, A. & ASHBY, R. (1998) Researching Children's Ideas about History in Voss, J.F. and Carretero, M. (eds.) *International Review of History Education*, vol. 2: Learning and Reasoning in History. London: Portland: Woburn Press, p.227-251.

Correspondência

Yi-Mei Hsiao, Instituto de Educação, Universidade de Londres, Inglaterra.

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização do autor.
